

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 191 — Domingo, 3 de Fevereiro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES



AVENÇA

MOVIMENTO DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO DURANTE O ANO DE 1956

HOMENS E FACTOS

Pelo ENG. SILVA CARVALHO

EM seguimento da nossa orientação habitual de proporcionar aos nossos prezados leitores, mediante elementos numéricos e estatísticos, uma ideia do importante movimento do nosso porto durante o ano que há pouco findou, damos, a seguir, a compilação de vários aspectos do tráfego portuário do Guadiana.

O número de navios de carga que durante o ano de 1956 escalaram este porto comercial, para carregar ou descarregar mercadoria, foi

DA impossibilidade de encontrarmos o tipo de homem perfeito resultou, de modo implícito, que muito raro será o vulto atirado ao cume da celebridade que possa sair ileso duma análise aturada, tendente a pôr em almoeda tudo o que encontre com jeito de dar artigo. Verifica-se até que aqueles indivíduos mais ardentes na

defesa de princípios são precisamente os mais predestinados a fornecerem-nos casos curiosos de mudança ideológica, quase sempre operada no tempo.

Nos nossos dias, podemos apontar Rocha Martins e Alfredo Pimenta. O primeiro começou em redactor do jornal de João Franco, destacou-se nos «Fantosches» como um dos mais ardentes demolidores da democracia e, depois da morte de D. Manuel, veio fixar-se como figura preponderante de «República», depois de publicamente se ter confessado republicano e socialista; o segundo, que em 1911 dedicava livros a Teófilo Braga, fez tábua rasa das doutrinas positivistas e encaminhou-se para o seio do catolicismo, trocando a democracia pelo nazismo da «Nação» e o republicanismo pelo monarquismo do «Debate».

Mas, se formos um pouco mais longe, outros exemplos se deparam, suficientemente elucidativos de metamorfoses ideológicas. Assim, Bernardino Machado foi ministro da monarquia. Após a greve académica de Coimbra, de 1907, tomou partido pelos estudantes e veio a ser, como todos sabem, duas vezes presidente da república.

Mais típico e curioso é o caso de Homem Cristo. O terrível pan-



DR. SOUSA PONTES

Foi nomeado presidente da Junta de Turismo da Praia de Quarteira, pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, o nosso ilustre comprovinciano, distinto colaborador e prezado amigo, sr. dr. António de Sousa Pontes.

Algarvio dedicadíssimo à sua Província e profundo conhecedor dos seus problemas económicos e turísticos, a cujo estudo tem dado o melhor da sua atenção, abordando-os com raro brilho e invulgar sentido das realidades, como o demonstra a notável série de artigos que sobre esses temas tem publicado na Imprensa Regionalista, nomeadamente no «Notícias do Algarve», é de esperar que a sua acção em benefício da simpática Praia de Quarteira, do seu turismo e do seu progresso, seja coroada do melhor êxito.

Fazendo sinceros votos para que consiga atingir plenamente os seus designios em prol de Quarteira e do Algarve, apresentamos ao sr. dr. Sousa Pontes cordiais cumprimentos de felicitações por tão honrosa e merecida nomeação.

A ALEMANHA E A DEFESA OCIDENTAL

NO último número (de Dezembro) da importante revista «Aussenpolitik», ocupa-se sr. John Slessor, num extenso artigo, do tema «A Alemanha e a defesa do Ocidente». «Sir» John Slessor, bem conhecido em Portugal, foi de 1951 a 1952 chefe do estado-maior da Real Força Aérea e repetidamente tem representado a Inglaterra no Pacto do Atlântico. No seu artigo, retoma um assunto que debateu numa conferência proferida em Bona, na Sociedade Anglo-Alemã.

Julgo importante o artigo, não só pela projecção da revista em que aparece como pelo tema, que importa directamente a todos os europeus, e pela autoridade de quem o subscreve, analisando com toda a coragem os problemas resultantes da existência da arma atómica.

«Sir» John Slessor começa por ocupar-se da definição da «guerra moderna», para mostrar que nenhum país pode mais ter a ilusão de que, depois de uma guerra atómica, construirá para si um futuro aproveitável sobre a derrota do inimigo. Realmente, vivemos hoje numa atmosfera de terror atómico, que se se suprimisse pela abolição da bomba atómica, traria grandes vantagens à ditadura soviética, que dispõe com a China de grandes massas humanas.

E', todavia, errado pensar que a Rússia não constitui um concorrente sério na investigação atómica. Isso ficou demonstrado

em Genebra, na conferência atómica para fins pacíficos. Depois, o autor analisa as possibilidades do emprego da arma

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

PEQUENO mundo

Vida vibrada na água tranquila dum recanto da floresta: que céu de primavera te anila, que sopro de encanto vem partir esse galho onde a passarada canta, e com ele ondular o verde-negro profundo da água clara e remansa? Oh, só se for a calma da natureza, leve como um sonho do mundo...

AUGUSTO DOS SANTOS ABRANCHES

A «CASA DO ALGARVE» HOMENAGEOU A SUA COMISSÃO DE TURISMO E PROPAGANDA NA PESSOA DO RESPECTIVO PRESIDENTE

SERVIU de motivo a interessante e muito oportuna troca de impressões sobre o turismo no Algarve o almoço de confraternização realizado no passado domingo, na respectiva Casa Regional, dedicado à sua Comissão de Turismo e Propaganda e de homenagem ao presidente da mesma Comissão, sr. Hermenegildo Neves Franco.

Presidiu a tão simpática reunião o sr. conselheiro Sousa Carvalho, presidente da Assembleia Geral da colectividade, ladeado pelo homenageado e sua esposa, sr.ª D.

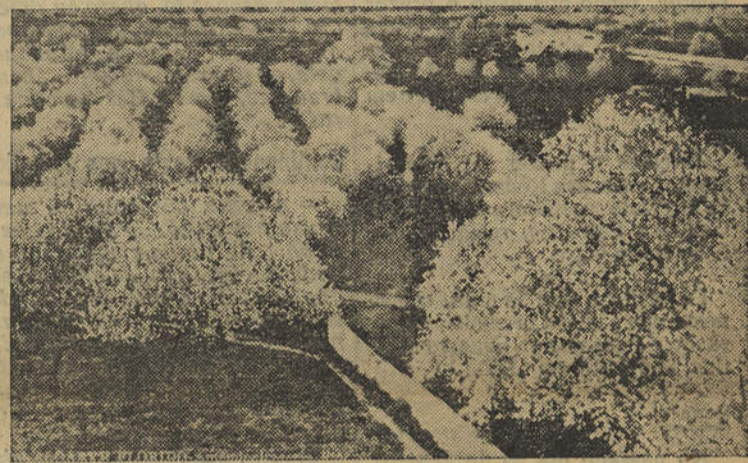
SR. HERMENEGILDO NEVES FRANCO

Ester Teixeira Franco, que tiveram à direita a esposa do presidente da Direcção, sr.ª D. Rosário Salgado Moreno; os restantes componentes da comissão homenageada, srs. major Nascimento Moura, José Raul da Graça Mira e dr. A. de Sousa Pontes; o vice-presidente da Assembleia Geral, sr. eng. dr. José António Madeira e o presidente do Conselho Fiscal, sr. A. Libânio Correia; e à esquerda, os srs. conde de Vinhais, representante do S. N. I.; coronel Sousa Rosal, deputado do Algarve; major Mateus Moreno, presidente da Direcção; dr. Quirino Mealha, presidente da Direcção da F. N. A. T.; srs. dr. Ramos e Costa, Figueiredo de Melo, Luís da Costa Santos e Henrique Gomes Delgado, representantes, respectivamente, das Casas do Alentejo, das Beiras, do Ribatejo e de Trás-os-Montes e Alto-Douro; o sr. dr. Sousa Carusca, presidente do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, e o sr. dr. Bruno Bonot-

to, representante dos serviços de turismo italianos, em Portugal.

Noutros lugares, entre outras figuras representativas do Algarve, viam-se os srs. dr. Garcia Domingues, presidente da Comissão Cultural da colectividade; dr.ª D. Maria João Lopes do Paço e dr. Humberto Pacheco, da Comissão de Beneficência da mesma; dr. Antero Cabral, antigo governador civil de Faro; drs.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



AMENDEIRAS EM FLOR — UMA VISÃO DO INVERNO ALGARVIO

OS OBJECTIVOS DO PLANO DE FOMENTO PARA 1959-1964

O MINISTRO da Presidência fez, há dias, perante o Conselho Económico, em várias sessões de trabalho, uma exposição referente aos estudos que estão em curso acerca do Plano de Fomento para 1959-1964.

Trata-se, como é óbvio, de algo que muito interessa a todos os sectores da Nação, já pelo que essa exposição contém de promissoras para a ampliação das nossas vastas realidades materiais, já pelo que significa de labor estrenuo e contínuo, por parte do Governo, em favor da população, principal beneficiária, afinal, das determinações oficiais.

Aqueles que leram o «Diário da Manhã», que publicou a importante exposição ministerial, ficaram a saber em que bases assentará o Plano de Fomento a ser executado no sexénio que começa em 1959 e termina em 1964. As amplas perspectivas que esse projecto governamental nos permite

antolhar são, na verdade, de molde a justificar todos os optimismos por parte de quem, como nós, vem assistindo, desde há três décadas consecutivas, ao rigoroso cumprimento da palavra governamental. Pelo anterior Plano de Fomento, que está a alcançar o seu termo de execução, todos pudemos verificar que as suas cláusulas foram fielmente observadas e que o País, na Metrópole, nas

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

À lala de apresentação

O senhor P. F. é comerciante. Começou de baixo, veio lá dos sacafundos da vida. Farto de trabalhar para os outros, disse para com os seus botões, um dia: — Ando a fazer a casa alheia, em vez de fazer a minha. Não pode ser.

Deixou o patrão, arranhou sócio e estabeleceu-se não sei onde, em Lisboa. Uma casa de representações. Cada mês, um dinheiro para correspondentes... — Não pode ser. Com os diabos! Não serei capaz de estudar francês?

Foi. E não só francês. Ao fim de poucos anos escrevia para Paris, Londres e Berlim... Dinheiro em caixa.

Cartoso! O dinheiro em caixa

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

«Notícias do Algarve»

Por um desses lamentáveis azares que nos batem à porta quando mal nos precatamos, o número da semana passada, do nosso jornal, inseriu «matéria»... que não estava no programa. Assim, a interessante crónica macaense do ilustre escritor e publicista J. de Carvalho e Régio trocou o título com a brilhante apreciação crítica feita pelo nosso querido amigo sr. eng.º Silva Carvalho ao livro sobre Portimão, de Joaquim Nunes. Por outro lado (como se já não bastasse de azar...), o título da notícia da posse do SR. GOVERNADOR CIVIL SUBSTITUTO do nosso distrito saíu gralhado, induzindo em erro... quem não lêsse o texto da notícia.

Temos a certeza, no entanto, de que a inteligência dos nossos estimados leitores — a quem pedimos desculpa das lamentáveis «gaffes» — corrigiu facilmente a troca dos títulos e a «gralha», pelo que não devem ter resultado danos de maior monta. E se porventura algum leitor houve que não conseguiu tirar o «assunto» a limpo, então muito mais para lastimar que a «troca, gralha & C.ª» é que ele seja precisamente o contrário de... inteligente.

Finalmente, que os nossos distintos colaboradores, srs. eng.º Silva Carvalho e J. de Carvalho e Régio nos desculpem a involuntária e lamentável troca dos títulos dos respectivos artigos.



apresenta

UMA CRÓNICA por semana

OS pobres são os maiores inimigos dos pobres. Desde antanho que o facto se repete. E' um defeito que não conhece civilizações, nem latitudes, nem o tempo — em cuja infinita sabedoria todos nós acreditamos — conseguiu desvanecer. E' uma verdade que o quotidiano pormenorizadamente documenta.

As coisas mais ínfimas no-lo demonstram. Se entramos num «café», relativamente bem vestidos, logo o criado, servil, cheio de salamaleques, interroga-o que deseja V. Ex.ª? Notem que, prepositadamente, empregamos a palavra criado.

Mas se formos mal vestidos, o mesmo empregado de mesa, se é que conseguimos iludir a vigilância

do porteiro, nos é capaz de pôr fora, ou então servir-nos-á de mau modo, aos repêlões.

Afinal, somos a mesma pessoa, temos o mesmo valor intrínseco. A cada passo verificamos que aquele velho ditado de que o hábito não faz o monge sofre

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL de Motoristas Marítimos e Fluviais

O Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito do Faro, no intuito de os seus associados gratuitamente poderem elevar os seus conhecimentos profissionais, vai dentro de dias abrir cursos, de princípio, em Portimão, Vila Real de Santo António e Olhão, por serem estas as localidades que maior número de motoristas e ajudantes de motoristas possuem.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Londres, em missão oficial, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. capitão Fernando da Silva Branco.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, tendo-nos dado o prazer de cumprimentarmos na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. José Lopes Toledo, de-zenhador-decorador, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Manuel Caldeira Esteves, residente em Almada de Ouro.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Doente

No passado dia 28 de Janeiro, foi operado no Pavilhão da Família Militar, pelo cirurgião sr. dr. Fausto Cansado, que foi ajudado pelos srs. drs. José João Aguiar Vila-Lobos e António Graça, o nosso amigo sr. aspirante de Lançeiros 2, António Manuel Marques da Costa Rocha, filho da sr.ª D. Maria Luísa Cordeiro Marques da Costa Rocha e do nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocha. O operado encontra-se melhorando gradualmente.

Casamento

No passado dia 27 de Janeiro, realizou-se em Tavira, na igreja de Santa Maria do Castelo, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria da Encarnação Jacinta Lourenço e do sr. João Lourenço Vaz, com o sr. António Martins Marques.

Apadrinharam a cerimónia, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Vicente da Conceição e o sr. Emiliano da Conceição Viegas, e por parte do noivo, a sr.ª D. Josefina Marques Ribeiro e seu filho sr. António da Encarnação Marques Ribeiro.

Ao novo casal, nosso conterrâneo, que fixou residência em Tavira, desejamos muitas felicidades.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

Os malefícios do alcoolismo no Mundo

Realizou-se, há pouco, em Istambul, o 25.º Congresso Internacional contra o Alcoolismo. Nele tomaram parte 35 nações, representadas por mais de 250 delegados. Foi uma bela jornada de bem-fazer.

Mais uma vez se passaram em revista os trágicos aspectos do terrível flagelo mundial que o alcoolismo constitui, e de tal maneira os seus efeitos se multiplicam com o desenrolar do progresso e da civilização, que foi decidido criar o Conselho Internacional Cristão Anti-Alcoólico, de molde a tornar possível uma luta mais eficaz contra uma peste mais feroz do que a própria guerra.

Na verdade, o alcool tortura, dilacera, deforma e mirra não só o corpo e a alma do vicioso, mas a sua accção vai muito mais longe, pois corrompe o filho, o neto e até o bisneto. As principais vítimas do alcoólico são até, sobretudo, os seus descendentes. E' por isso que o alcoólico é não só o maior inimigo de si próprio, mas até um verdadeiro perigo social, pois desfalca a sociedade nos seus mais caros valores — a infância.

Poderia tolerar-se, talvez, que um indivíduo se afundasse no inferno sem fim da loucura ou do desabar vertical da saúde e da dignidade, viciando-se com o alcool, mas a sociedade tem o dever de reagir, pelo menos para localizar o mal, visto que desta tolerância podem resultar graves perigos, que vão ferir não já o vicioso, mas, como já se disse, as gerações do futuro.

Mas, na verdade, até o vicioso necessita do amparo fraterno da sociedade — do conselho do médico, do esclarecimento do higienista e da accção paciente do amigo do Bem e da Saúde Pública — pois não há dúvida de que o alcool (abuso de vinhos, aguardentes, licores, e, de um modo geral, de todas as bebidas fermentadas) é o mais curto caminho que conduz à doença, à morte prematura e à prisão, transformando tantas vezes um homem, que fora bom e justo, num vulgar delinquente ou num factor de desgraças íntimas ou de malefícios sociais.

Saudemos, pois, o Conselho Internacional Cristão Anti-Alcoólico e façamos sinceros votos para que da sua accção resulte mais saúde, mais paz e mais amor para a Humanidade.

Visado pela Comissão de Censura

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

xa, por muito que possa perverter as pessoas, a ele não se estagios essenciais. Continua sendo o mesmo que veio dos socafundos. O saber línguas não lhe deu apenas para importar máquinas e óculos. Lê romances e poesias. Isso ajudou-o, certamente, a escapar à engrenagem. Totalmente? Decerto que não. Escapar de ser totalmente devorado, quero eu dizer. (Já viram Charlot, nos «Tempos Modernos»? Hei-de falar-lhes dele, no próximo número. Lembrem-me, sim?) Mas escutem o resto...

Continuação, como nos folhetins

— A vida comercial é uma coisa pavorosa. Pior do que a selva. Ai, ainda uma pessoa se pode dar ao luxo, de quando em quando, de um acto de bondade, sem que daí lhe venha algum perigo. No comércio, não. Estamos nele para ganhar dinheiro. Portanto, tudo quanto contribua para isso é legítimo; quanto o contrarie é nocivo. Olho-o, espantada. Uma linguagem que não entendo. Que não entendo imediatamente. Nisto, começo a lembrar-me de homens bons que fallaram, que não vingaram na vida comercial. Dou por mim a perguntar: Que não vingaram por serem bons? Ou por qualquer outro motivo? Perdularios, por exemplo. Ou estúpidos, ou sem iniciativa. Sem olho vivo, ou sem orientação. Ou sem pulso... Mos não será a isso mesmo (ou a grande parte disso) que se chamará bondade? E se eu desse — ou procurasse — uma definição de bondade? Definições! Fujo delas como o diabo da cruz. Mas sempre tento: bondade é o instinto da defesa da espécie, em prejuizo da defesa individual. Isto ajuda-me a compreender porque, no comércio, os bons são derrotados.

— Mas — digo, mais para mim que para o meu interlocutor: — Não há comerciantes bons? — Mal deles, se os há! — E depois de um trejeito, em que todos os tiques do rosto colaboraram: — Aliás, como civis na sua vida familiar, podem ser excelentes criaturas. Mas o coração deve estar fora da loja. Sendo...

E raspa levemente o polegar no queixo, como se dissesse: acabou-se. Pareceu-me, pelo ímpeto e crueza da voz, que ele procurava, sim, tirar um desfoço pessoal. Falava com acinte, trrr, trrr. Certamente algum colega lhe prepara alguma. Como ao depois vi, acertei.

Continuem a ler, por favor — Olhe bem para mim. Acha-me cara de mau? — Desatei a rir. — Não, nem por isso. — Ai está. Modéstia aparte, nunca o fui. Agora, muito menos. Tenho a minha filha, e quando um homem tem uma filha sente obrigação — melhor: sente necessidade — de ser bom. Já o mesmo não acontece quando se tem um rapaz. E' um fenómeno curioso, não acha? Mas, como ia dizendo, e você confere, nada de cara de mau... Achei graça ao «conferer». E neguei, com a cabeça. Que, na verdade, não o achava com nenhuma cara disso.

— Pois, aqui onde me vê, comerciante onde me vê, procedi hoje horrorosamente. Tenho veigonha das minhas mãos. E, com esforço, contou. Um cliente viu-o no passeto e veio ao seu encontro. Que passara, na véspera, pelo escritório, e deixara os setenta e cinco escudos do recibo... Ficou apreensivo. Na véspera? Diabo! Mas a empregada não lhe dissera nada, não lhe entregara nenhum dinheiro. Chegou ao escritório. Perguntou se não havia novidade. A empregada respondeu que não, que nenhuma. Se nenhuma, mesmo? Se ninguém viera pagar? Que ninguém. Com certeza? Na véspera, com certeza, ninguém viera pagar? Que teima a sua, senhor F. Que ela soubesse, não. Então na véspera, às cinco horas, Fulano não viera pagar setenta e cinco escudos? A empregada esbarrou-se. Atirou metade do corpo para cima da máquina de escrever, os soluços comiam-lhe metade das palavras. F. percebeu vagamente «faziam falta... O remédio para o filho... tosse convulsa...»

— Tive de mandá-la embora. Dei-lhe uma carta de bons serviços e bom comportamento, e mandei-a embora. Compreende: sou comerciante, vivo do comércio. E' dele que sustento a minha família. Não sei de outro modo de vida. Hoje foram setenta escudos. Amanhã, seriam sete contos... Não tinha outra coisa a fazer... Batxo os olhos.

Maria Manuela Nunes

MOVIMENTO DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO DURANTE O ANO DE 1956

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de 233, com um total de 198.015 toneladas, dos quais 127 cargueiros nacionais e 106 estrangeiros, discriminados, por nacionalidades, como segue:

NACIONALIDADE	N.º DE NAVIOS	TONELAGEM
Alemã	33	44.896
Suíça	21	13.442
Britânica	7	9.198
Marroquina	15	7.510
Espanhola	10	6.525
Holandesa	13	6.426
Panamenha	4	5.709
Francesa	2	2.768
Italiana	1	847
	106	97.121
Navios nacionais	127	100.894
Total	233	198.015

Entre as mercadorias carregadas e descarregadas neste porto comercial, predominam pela sua ordem de importâncias e valor as seguintes: Para exportação — Conservas de Peixe (cerca de 8.000 toneladas); Sal (cerca de 13.000 tons.); Alfarroba (8.000 tons.); Grão de Alfarroba (729 tons.); Amêndoa (174 tons.); Oleo de Peixe (190 tons.); Farinha de Peixe (164 tons.); Cortiça (20.000 fardos e 3.000 sacos); Figo (167 tons.); batata, minérios, etc. As mercadorias descarregadas consistem principalmente de Folha de flandres, Carvões, atum fresco, gesso, etc. Quanto ao movimento de veículos nacionais e estrangeiros que transitaram pela fronteira do Guadiana, em direcção a Aiamonte, ou dali provenientes, o total apurado foi de 2.384 veículos ligeiros e pesados, dos quais 1.184 vieram de Espanha e 1.200 saíram de Portugal.

No que respeita ao movimento do pescado vendido nesta lota, obtivemos as cifras seguintes, para o mesmo período da safra de 1956:

Peixe vendido pelas traineiras e cercos (sardinha, etc.)	45.083.109\$50
Atum vendido na lota	13.252.433\$40
Total	58.335.542\$90

Cabe registar nestas colunas, mais uma vez, uma deficiência de certa importância, que afecta o regular movimento na nossa lota, e a que urge proporcionar remédio. Trata-se dum telefonema para a casa da lota local, que continua a brilhar pela ausência, causando inconvenientes e prejuizos aos utilizadores da mesma. Se considerarmos as alcavalas e elevadas taxas que incidem sobre o pescado, não se compreende por que tão indispensável meio de comunicação ainda não foi instalado nesta lota, apesar das gerais reclamações nesse sentido, quando na lota de Olhão, por exemplo, o público dispõe ali de dois telefones. A quem de direito, mais uma vez aqui deixamos a reclamação dos interessados.

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

À VENDA NA Agência Comercial e Marítima do Sul Avenida da República, 65 — Telefone 76 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PROVINCIA TAVIRA

Escola Técnica em Tavira

No semanário local, novamente se ventila a questão da criação da Escola Técnica em Tavira, melhoramento que se impõe, a todos os títulos, e que ficou no esquecimento. Na nossa modesta opinião, pois não somos «águias» na matéria, achávamos que havia a necessidade de se constituir uma grande comissão de pessoas de todas as categorias sociais e ir deabalada até Lisboa, fazer o pedido pessoalmente a quem de direito. Tudo o mais são «folhas que o vento leva». Estaria indicado para presidir à referida comissão o sr. capitão Jorge Ribeiro, ilustre presidente da Câmara de Tavira, para quem apelamos, neste momento, e que sempre pôs o seu prestígio e o seu amor à nossa terra acima de todos os desentendimentos.

Visita às obras dos novos celeiros

Deslocaram-se a Tavira, no passado mês de Janeiro, os srs. engenheiros-agnómonos Luís Quartim Graça, Pedro Luís Baptista e Fernando Santos e Castro, respectivamente, presidente, delegado do Governo e chefe da 1.ª divisão da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, para examinarem o andamento das obras dos silos para armazenamento de cereais dos produtores desta região.

o propósito de um livro

Conforme tem sido anunciado pela Imprensa algarvia, acaba de sair um livro sobre Portimão, muito interessante. Entre outras coisas, temos no referido livro que uma das despesas municipais da Câmara de Portimão foi a verba que gastou na Biblioteca e Museu, uma média anual de 21.973\$34, com um máximo de 35.987\$30, no ano de 1955. E lembramo-nos nós de que tendo sido em devido tempo oferecida ao Município local uma Biblioteca e Museu, por beneméritos locais, os mesmos se encontram há muitos anos encerrados, com prejuizo público e material para os valores expostos. Este é um dos problemas que deveriam ser tratados com mão de mestre por quem de direito, porque Tavira, com referência especialmente a bibliotecas, só tem as livrarias locais...

Para quando?

Perguntam-nos quando será que se inaugurarão dois melhoramentos que há muito tempo se anunciam na cidade, através de jornais e de plantas elucidativas nas montras dos estabelecimentos comerciais; O novo Cine-Teatro e o Arrastado. Não podemos dar uma resposta, porque não costumamos fazer previsões aéreas; isso só o fazem os «astrólogos», e, mesmo assim, «encartados». — C.

Lusitano F. Clube

CONVOCAÇÃO

De harmonia com o preceituado no Art.º 25.º dos nossos Estatutos, convocamos a Assembleia Geral Extraordinária deste Clube, a reunir na sede do mesmo, no próximo dia 13 de Fevereiro de 1957, pelas 21 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Nomeação dos Corpos Gerentes para dirigirem os destinos do Clube até final do ano de 1957.

Apresentação e aprovação de contas.

Não havendo número de sócios suficientes na primeira convocatória, a Assembleia funcionará meia hora depois, com qualquer número de sócios.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (P.º Joaquim Humberto Galhardo Palmeira

ODELEITE

Falecimento

No pretérito dia 24 do mês findo e após longa enfermidade, faleceu em Alcaria, desta freguesia, onde residia, a sr.ª D. Ana Maria Alberto, de 69 anos de idade.

Era viúva do conhecido negociante e abastado proprietário sr. António Alberto da Silva e mãe dos srs. Alberto António da Silva, Domingos Alberto da Silva, D. Isidora Alberto da Silva e sogra do sr. Sebastião da Palma.

O seu funeral, que teve assistência religiosa, constituiu uma vulgar manifestação de pesar, tendo-se nele incorporado muitas pessoas de lugares distantes, que de propósito se deslocaram.

A família enlutada, apresentamos os nossos sentidos pésames.

Telefone

Sem qualquer espécie de inauguração, finalmente foi posto ao serviço do público o telefone, ficando a respectiva cabina a cargo e na residência do sr. Jacinto Filipe Madeira, conceituado comerciante.

Salvo o devido respeito pela entidade que tenha contribuído, directa ou indirectamente, para a montagem e instalação do referido telefone, é justíssimo que seja citado o nome do grande amigo de Odeleite, rev. P.º Silvério Ferreira da Silva, que envidou o melhor dos seus esforços no sentido de ser actualmente uma realidade a nossa velha aspiração.

Por isso e por tudo, mais uma vez, publicamente, lhe endereçamos a expressão sincera do reconhecimento dos amigos de Odeleite. — C.

Glória Futebol Clube

Teve lugar na passada quinta-feira, dia 31, a Assembleia Geral da simpática colectividade Glória Futebol Clube.

Depois da votação, ficou do seguinte modo constituída a Direcção para o corrente ano:

Assembleia Geral — presidente, César Machado Pinto Pontes; vice-presidente, José Manuel Pereira; 1.º secretário, Ezequiel Fernandes; 2.º secretário, Manuel Baptista.

Direcção — presidente, António Amâncio S. Machado; vice-presidente, Francisco Chumbinho Campina; 1.º secretário, José Leal Socorro; 2.º secretário, José Fernandes Viegas; tesoureiro, Armando Rodrigues Gonçalves; vogal, José Augusto da Silva; vogal, Victor Ruas.

Conselho Fiscal — presidente, Manuel Cipriano; secretário, Manuel Francisco Ribeiro Alves; relator, Francisco Sousa Cardoso.

Suplentes da Direcção — João Ildio Setúbal; Rafael Guerra; João António Alexandre; António Vasques Belo; Joaquim Ribeiro; Manuel Socorro Tenório; Fortunato José Godinho.

Suplentes do Conselho Fiscal — Manuel Peres Tenório e Emilio Tenório Piloto.

PORTO RAINHA SANTA
ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.º
Vila Nova de Gaia

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 25 a 31 de Janeiro:

Entrados:

- ROSENECK, Alemão, de 777 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
- MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
- ROLANDSECK, Alemão, de 1.299 ton., de Sevilha, com carga em trânsito.
- ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
- COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.
- CORVO, Português, de 773 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

Saídos:

- SONECK, Alemão, para Huelva, com carga em trânsito.
- ROSENECK, Alemão, para Hamburgo, com cortiça e conservas.
- ROLANDSECK, Alemão, para Bremen e Hamburgo, com cortiça e conservas.
- MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.
- ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
- COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
- CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 2 a 8 de Fevereiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

HOMENAGEM ao dr. João Dias

A comissão angariadora de fundos para a construção, em Alcoutim, de um busto ao saudoso benemérito dr. João Dias, recebeu mais, para esse fim, os seguintes donativos, que reconhecidamente agradece:

Transporte	34.268\$50
Justo António Marques	50\$00
Manuel Miguel	20\$00
Manuel Carapito Gomes	20\$00
Margarida de Sousa Domingos	50\$00
Manuel Costa Esteves	50\$00
António João Mestre	30\$00
Soma	34.488\$50

Como a obra está quase concluída, devendo ser, naturalmente, esta a última relação a publicar-se, quero aproveitar a oportunidade para, em nome da Comissão, apresentar ao Excelentíssimo Director do «Notícias do Algarve» os mais sinceros agradecimentos pela colaboração que sempre dispensou a esta cruzada.

Graças às notícias publicadas neste jornal, foi conhecida por toda a gente a intenção que animou a Comissão, desde o primeiro dia em que pensou homenagear tão grande figura algarvia.

Foi, por isso, incomensurável a contribuição do «Notícias do Algarve», e todo o nosso reconhecimento é pequeno para saldar um benefício tão grande.

A Comissão está a ultimar os trabalhos para que a inauguração deste busto se possa fazer no dia 8 do próximo mês de Março, data do segundo aniversário do falecimento do dr. João Dias. Oportunamente será confirmada esta data, se nada houver a opor-se-lhe, e bem assim a hora a que se levará a efeito.

FALECIMENTO

D. Margarida Maria Vasco

No passado dia 30 de Janeiro, faleceu nesta vila a sr.ª D. Margarida Maria Vasco, de 73 anos de idade, casada com o sr. Custódio Vasco.

A extinta era mãe do nosso prezado assinante sr. Custódio Vasco. A família enlutada, apresentamos sentidos pésames. O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

Seja económico Poupe muito dinheiro
PREFIRA A **TIPOGRAFIA SOCORRO**
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

Os Objectivos

do Plano de Fomento para 1959-1964

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Ilhas Adjacentes e no Ultramar, foi dotado de uma série de melhoramentos que abonam, à saciedade, o escrupulo daqueles que mantêm nas mãos firmes e resolutas as rédeas poderosas da administração nacional.

Na verdade, como se escreveu no citado jornal, que reflecte, por via de regra, o pensamento do Governo, a notável exposição do Ministro da Presidência dá ensejo a registar: a prudente e previdente norma de estudo para o planeamento final a alcançar, com a utilização de todos os dados da experiência e a concatenação exaustiva de todos os elementos, teóricos e práticos, colhidos no âmbito da nossa vida própria — continental, insular, ultramarina — e na interdependência dos factos e dos fenómenos da correlativa vida internacional a que estamos naturalmente vinculados; o profundo somatório de trabalho que já vai cumprido, com tão longa antecedência, e o carácter aberto dessa exposição, dada ao Conselho Económico como princípio orientador para que este resolva, dada ao público como texto de informação para que o público conheça e medite, e de entre ele os mais esclarecidos possam pensar e sugerir em matéria de tão grande amplitude, tanto melindre e tão relevante interesse colectivo.

Estes dados fundamentais que ressaltam da leitura da notável exposição têm o seu natural corolário, ainda segundo o jornal citado, na aceleração do ritmo de incremento do produto nacional, na melhoria do nível de vida, na ajuda à resolução dos problemas do emprego e na melhoria da balança metropolitana de pagamentos. Este, na verdade, o resumo das bases da nossa política económica expressa no Plano de Fomento para 1959-1964, que o Ministro da Presidência, com a lucidez que o caracteriza, apresentou ao Conselho Económico. Para já, a elaboração de tal Plano de Fomento, cujas vantagens desnecessário será encarecer, implica a intensificação do estudo de conjunto da economia nacional, o estudo das directivas da política económica, a fixação das importâncias a investir e o estudo das fontes de financiamento e das providências para assegurar a estabilidade monetária e, por último, a análise dos investimentos sugeridos ou propostos pelos serviços.

Pelo que se vê, pois, o Plano de Fomento para 1959-1964 estrutura-se, sobretudo, nas nossas realidades económicas, que são, como ninguém ignora, de complexa monta. Nada fazendo no ar, não construindo castelos nas nuvens, o Governo preocupa-se e ocupa-se com essas realidades económicas, sabendo muito bem que uma boa política depende, fundamentalmente, duma boa economia — ou vice-versa. A análise do Plano de Fomento, ou, antes, da exposição ministerial acerca dele, levar-nos-ia longe e este artigo não a comportaria, de modo algum. No entanto, não queremos deixar passar sem um breve comentário, ou, antes, sem uma breve referência, algumas das passagens dessa notável exposição do Ministro da Presidência.

Deveras significativa, por exemplo, a afirmativa ministerial de que a preocupação de dar impulso imediato para alcançar os objectivos do Plano não deve impedir a inclusão de providências cujos efeitos serão menos prontos e que só se sentirão anos depois do termo da sua execução. Significativa, também, em alto grau, a declaração de que, para conseguir a aceleração do ritmo de incremento do produto nacional, os meios adequados serão a

realização de novos investimentos e o aumento de produtividade do capital existente. Nada mais certo nem mais plausível, quanto a nós. Interessante, também, a declaração de que o Plano de Fomento deve visar, sobretudo, uma modificação de estrutura em termos de aumentar, perduravelmente, o produto nacional, ou seja: os investimentos a planearem devem, em geral, assegurar, regularmente, a produção dum rendimento. No avisado parecer do Ministro da Presidência, é ilusão perigosa pensar que a expansão económica pode operar-se mediante o alargamento do poder de compra da massa dos consumidores sem que este resulte de um sólido e constante aumento da produção nacional. Este exioma ministerial é, sem dúvida, dos que estão fora de toda a discussão. Mas o Ministro da Presidência, não menos avisadamente, acrescentou: «Mas constituiria, sem dúvida, um travão ao movimento expansionista o facto da produção em aumento não encontrar mercado interno suficiente, mesmo porque sem tal base dificilmente a maior parte dos produtos ficará em condições de demandar os mercados externos. Conseguir, portanto, que o poder de compra dos portugueses vá melhorando, em geral, à medida que aumenta a produção nacional, fazendo beneficiar toda a colectividade (e não apenas um grupo) da expansão económica e tirando incitamento para a produção do aumento da procura global, tem de ser uma das preocupações basilares na elaboração e na execução do novo Plano.» Digna de meditação é, também, a afirmação de que a necessidade premente de dar emprego à mão de obra que anualmente se oferece e ainda à que se torna necessário retirar da agricultura, atestar, em muitos casos, a que se prosiga numa política generalizada e sistemática de aumento da produtividade industrial. Na opinião do ilustre membro do Governo, um plano de fomento que procure equipar mais convenientemente a agricultura e desenvolver a indústria terá de inicialmente conduzir a um incremento da importação de bens de produção, e só mais tarde esta compra ao exterior vem a traduzir-se em aumento de exportação. Com ela estamos, absolutamente, de acordo. Para rematar estas considerações, anotemos a declaração ministerial de que, no planeamento, deverá, igualmente, ser estudada a situação das diversas regiões do País, de maneira a considerar quanto possível a sua posição económica no conjunto e a favorecer o desenvolvimento das mais atrasadas, tendo sempre em consideração a conveniência de reter a população rural no seu meio originário, mediante uma política de melhoramento das condições de vida, de facilidade de comunicações e de localização das indústrias. Deste modo, acrescentamos nós, o Plano de Fomento, cujos estudos em curso tão magistralmente foram expostos pelo sr. prof. Marcelo Caetano, terá execução condigna e perfeita eficiência, já no aspecto económico, já no das realizações materiais que comporta — a bem da Nação.

A. de Freitas

Quem perdeu?

No posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, encontra-se depositada uma caneta de tinta permanente, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa algarvia.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D-8.ª Série)

ESPERANÇA, 1 — LUSITANO, 7

Jogo em Lagos, no campo Rossio da Trindade, arbitrado pelo sr. Ivo Afonso, de Beja. Os grupos alinharam da seguinte forma:

Esperança: José Maria; João Carlos e Amílcar; Teodoro, Vidal e Duarte; Andrade, Campos, Galaz, José António e Américo.

Lusitano: Rodrigues; Pescada e Gonçalves; Padesca, Campos e Daniel; Parra, Marco, Mendes, Travaços e Ludgero.

O encontro teve pouca história, pois durante os 90 minutos imperou sempre a melhor técnica e experiência dos vilarrealeses, que poucas dificuldades tiveram

em evidenciar a sua superioridade através da expressiva marca alcançada. Por seu lado, o onze lacobrigense evidenciou pouca preparação física e deficiente preparação técnica, o que explica o resultado.

Ao intervalo, o marcador acusava igualdade a um ponto. Pelo Lusitano, marcaram: Mendes (2), Marco (2), Ludgero e Daniel (2), tendo o ponto de honra dos locais sido obtido por intermédio de José António.

Vitória justa, portanto, dos nossos conterrâneos, apesar do jogo não ter conseguido nível satisfatório.

Arbitragem deficiente, que não prejudicou o resultado.

Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 3 — OLHANENSE, 0

Os visitantes actuaram de maneira a vencer, mas...

Em verdade, foi o futebol algarvio que esteve em festa há oito dias, pois o Estádio de São Luís, em Faro, registou uma das maiores enchentes de sempre. De todos os pontos da província se deslocaram entusiasmados do Desporto-Rei, especialmente da vila cubista.

Não foi apenas a rivalidade regional desportiva a atrair a massa imensa de público; foi, sobretudo, a popularidade de que disfrutam as equipas do S. C. Farense e S. C. Olhanense, como os mais dignos representantes do futebol regional. Estes dois fortes agrupamentos, sem disprimo para os restantes existentes no Algarve, são hoje os melhores intérpretes do futebol algarvio da II Divisão.

Por isso, o Estádio de São Luís foi cenário, de duas forças completamente distintas, mas dignas uma da outra.

Ao fim de 90 minutos de jogo, disputado dentro das normas desportivas, nalguns casos, como por exemplo: correcção, jogo duro mas viril, mas em contrapartida notou-se a ausência de desportivismo por parte dos farenenses, e mais: de respeito pelo adversário, se atentarmos a que nos deram minutos da partida quiseram «brincar» com o seu brioso adversário, que então se encontrava sem forças — expressão do que trabalharam... para alcançar uma vitória, que se lhes negou, por falta de sorte e por erros de arbitragem, o Farense bateu pela marca de 3-0 o Olhanense, resultado que nada diz quanto ao desenrolar da partida.

A actuação do sr. Eduardo Gouveia, de Lisboa, foi, quanto a nós, cheia de erros técnicos imperdoáveis, particularmente no que se refere à lei da vantagem, beneficiando o infractor, e modesta sob todos os aspectos.

Acentua-se como mais grave a marcação forçadíssima da grande penalidade contra os visitantes, tendo deixado passar em claro faltas de palmatória dentro da grande área dos visitados.

A validação do 1.º golo pode, sem facciosismo, classificar-se de uma oferta do sr. Eduardo Gouveia, pois só ele não terá visto que

um dos juizes de linha (o do lado do peão) assinalou a carga violenta sobre Abade. Em resumo: uma arbitragem para esquecer...

Depreende-se que o Olhanense poderia, se tais erros não tivessem sido cometidos e se tivessem actuado com sorte, (pois, já o 3.º golo dos visitados foi um defesa do Olhanense que a marcou na sua própria baliza) ter obtido uma vitória, sem dúvida, justa.

Que dominaram durante 80 minutos, não restam dúvidas; só nos dez minutos finais cederam, e foi aí que se viram em campo os farenenses, que depois «brincaram»...

E nada mais temos a acentuar quanto a este jogo, senão realçarmos o trabalho de toda a defesa farense, onde a ausência de Bento se fez esquecer, e no ataque só Campos mostrou perigo em alguns permenores.

No Olhanense, todos (perdão! todos menos um) actuaram bem e com vontade de vencer. E esse jogador a que nos referimos é Parra, jogador de inegável classe, mas pouco combativo e muito menos interessado numa vitória.

Sobre o Farense, diremos que, embora não tivessem actuado da maneira como o fizeram em Olhão, demonstram na verdade que merecem o 1.º lugar, e que, em relação ao Olhanense, se podem classificar esta época como superiores, já pela regularidade, e ainda porque a diferença de pontos assim o indica, pelo que, mais uma vez — a segunda em sete anos — se poderão orgulhar de ficarem na tabela geral por cima do Olhanense.

Sobre o Olhanense, diremos: — Se continuarem a jogar com vontade e a executarem como no domingo passado, poderão ainda — porque não dizê-lo? — classificar-se para a fase final...

Herculano Valente

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um rude e misericordioso golpe, outro tanto acontecendo ao nosso carácter, ao nosso desejo de nos mantermos honestos e íntegros.

E, afinal, porque a estupididade de um reles e insignificante servo de mesa, um moço para aturar as exigências dos fregueses e ser tratado, muitas vezes, por tu, não enxergou distinguir entre a inteligência, o porte, a educação do cliente e um fato — uma coisa que é apenas um tecido que se rompe, que ganha lustros, que se esfriava, que se deita fora, por inútil.

No cinema, sucede mais ou menos o mesmo. Se vamos bem vestidos, há curvaturas, baixam a cadeira e ficam aguardando que nos sentemos, enquanto nos estendem o bilhete, acompanhado do programa. Em troca podem levar um olhar superior de desprezo e nada mais. Para quê gratificação? A empresa que lhes pague o ordenado.

No entanto, os mais mal vestidos quase se sentem vexados, se não dão a tradicional gorjeta e, para estes, não há curvaturas nem programas e a cadeira não fica segura. Diz-se-lhes apenas, com desprezo, é ali o lugar.

Num conflito de ruas, desde o polícia a qualquer passante, há sempre disposição de apoiar o que tem melhor apresentação, mesmo que a razão esteja do lado oposto. A razão, a justiça, não conta — o que impõe personalidade é o fato.

O senhorio, antes de alugar a casa, medirá de alto a baixo o pretendente a inquilino. Reparará se o fato tem nódoas, se as calças estão bem vincadas, se o

colarinho da camisa está a abrir-se nas pontas ou se o casaco já está coçado. Se assim acontecer, isso significará que o indivíduo que tem o desplante de alugar-lhe a casa é um «teso» e, portanto, não lhe pagará a renda, *ferrás o cão*, portuguêsmente falando.

Se exibir luxo, então sim, é um bom inquilino — mesmo que o dinheiro chegue apenas para o luxo.

Claro que também há senhorios pobres... e quanto mais o forem, pior serão nas exigências.

Entre colegas num emprego, haverá sempre uma natural selecção, uma repulsa por aqueles que descuram o vestuário — mesmo que tragam o estômago aconchegado e as contas em dia.

A porteira do prédio onde moramos é uma criada, de «borla», para todo o serviço daqueles que se apresentam «bem». A senhora dona Fulana, o senhor Sicrano. Os outros, os mais mal vestidos, são os «pindéricos», os que não têm onde cair mortos.

Quando os mal vestidos conseguem sobrepor-se pela inteligência, há um murmúrio de admiração, um espanto — como se a inteligência se adquirisse no alfaiate ou na modista e se vestisse e despisse todos os dias.

As próprias crianças procuram distinguir-se umas das outras. Escolhem os seus grupos de brincadeiras e adoptam ares superiores e gestos de comando. São sempre os senhores, e os outros os lacaios.

Humildemente, as outras se habitam a considerar o menino «rico» — que as mais das vezes é tão pobre como eles.

Triste lição, que começamos a aprender desde o berço e que jamais nos deixa em paz pela vida fora.

Quando será que os pobres amam mais os pobres?

Quando será que nos habituamos a amar uns aos outros, sem nos preocuparmos com as aparências ou com o conteúdo da carteira de cada um?

José dos Santos Marques

COMARCA DE LISBOA

5.ª Vara Cível

Anúncio

(2.ª Publicação)

Nuns autos de acção de divórcio litigioso pendentes na 1.ª secção da 5.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, correm éditos, com a dilação de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando Manuel Bento Gonçalves, trabalhador, ausente em parte incerta, cuja última residência conhecida foi na Serra de Vaqueiros, concelho de Alcoutim, comarca de Vila Real de Santo António, para no prazo de vinte dias, depois de finda a dilação, contestar o pedido de divórcio litigioso feito por sua mulher Ivone Alemão que também usa o nome de Ivone Alemão Gonçalves, residente em Lisboa, na Rua do Cruzeiro, número dezassete, rés do chão, com fundamento no n.º 5.º do art.º 4.º da Lei do Divórcio.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1957.

O Juiz Corregedor,
a) Augusto César Raposo Jor.

O Chefe da 1.ª Secção,
a) José João Barreira Cardoso

MOTORES MARÍTIMOS

BURMEISTER, de 135 H. P., em estado de novo, ainda instalado na traineira, onde pode ser visto a funcionar. Custo — Esc. 100.000\$00, incluindo veio propulsor, hélice e manga.

GLENIPFER, de 120 H. P., também em estado de novo. Custo — Esc. 95.000\$00, incluindo veio propulsor e hélice.

Estes motores vão ser substituídos por outros de maior força, devido ao tamanho dos cascos.

RODRIGUES DA SILVA

Avenida Serpa Pinto, 154

Telefone 137 MATOSINHOS

VENDE-SE

Morada de casas, nesta vila, rua dr. Miguel Bombarda, 128, com 7 compartimentos e quintal. Dirigir a Inácio Gomes Baptista, Avenida Visconde Valmor, 57-3.º Esq. — Lisboa.

TRAINEIRA

VENDE-SE

Ótima construção, com 19,5 metros, pronta a pescar, com ou sem redes.

Resposta à Rua Augusta, 281-2.º — Lisboa.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

ELOGIO DA... ESCRAVIDÃO

Tudo é relativo, neste mundo, e, portanto, também as perfeições. Considerada em absoluto, a escravidão é condenável. Mas, se nos lembrarmos de que, antes dela, era costume dos vencedores matar os prisioneiros de guerra, não podemos deixar de louvar a ideia de os poupar, empregando-os em trabalhos de utilidade mais ou menos colectiva.

Representou, pois, a escravidão, no momento em que foi posta em prática, um manifesto progresso sobre o que anteriormente se fazia. Hoje, está bem de ver, escravidão, nem pintada... Mas, dentro da perspectiva histórica, temos que lhe dar o respectivo louvor.

ENSINO RECORDATÓRIO

Infelizmente, o nosso ensino tem mais de recordatório do que de criador. Em vez de esvaziarmos as inteligências nascentes, apelando o mais possível para o seu espírito de iniciativa, para o learning by doing da pedagogia norte-americana, para o emprego do espírito crítico, para o erro original contra a verdade copiada e mecanicamente decorada, andamos a encher-lhes as cabeças com indiscriminado entulho, quando devíamos formá-las. Trocamos, estupidamente, a tête bien faite pela tête bien pleine. E daí o rebanho de primários do espírito saídos das nossas escolas.

POETAS ROMÂNTICOS

Já não há poetas ultra-românticos. Não há — mas houve. Era fácil identificá-los. Onde quer que vissemos um homem de atitudes sinistras, com tragédias (ou pelo menos dramas) na fundura dos olhos, uma bronquite aguda em evolução directa para a tísica galopante, uivando saudades (de criar bicho) por três mulheres fatais, que desceram aos abismos da covão, no auge da sua mocidade, — aí estava um poeta ultra-romântico. Podemos ainda acrescentar um pormenor somático muito característico da referida espécie zoológica: a cabeleira penteada em estilo coup de vent.

HOMO FABER

São raras as comodidades de geração espontânea oferecidas ao homem, se exceptuarmos a luz do sol, a água corrente, o ar que respiramos. Tudo mais — ou quase tudo mais, para não estarmos a discutir — tem de ser ganho com o suor do nosso corpo e do nosso espírito. «Prejuízo, ou benefício? Parece-nos que benefício. Se tudo nos for dado de mão-bela, abrimos a boca (e o espírito) em bocejos maiores do que permite a força humana. Por mais paradoxa que se nos afigure, a vida é boa pelo que custa.

Tudo o que há de realmente importante em nossa vida, o esforço no-lo deu, nós o fizemos. O homem, mais do que homo sapiens é homo faber.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

HOMENS E FACTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fletário de «O Povo de Aveiro» foi, em tempo da monarquia, figura preponderante do directório do partido republicano, para, depois de 1910, se transformar num dos maiores adversários do regime que ajudara a erguer. São dele as seguintes palavras: «... Ora a escola em que os republicanos foram criados, em que os republicanos foram educados era, pelo próprio testemunho insuspeito dos monárquicos, depravada. Naturalmente, logicamente, saíram depravados. E se refinaram, é porque também é natural e lógico, no terreno lodoso da crápula, refinaram.»

Em Homem Cristo não existe, na rigorosa acepção do termo, nem evolução, nem metamorfose. Simplesmente... a república não foi aquilo que ele sonhara. Ele não aderiu ao «terreno lodoso da crápula». A sua ortodoxia por certos princípios utópicos fez com que ele tivesse sido sempre, até morrer, um franco-atirador. Mas não sofre dúvida que as suas balas tomaram uma orientação diferente e... passaram a ferir de morte os republicanos. Pela mesma razão, Braz Burity, jornalista brilhante e temível no tempo da propaganda, refreou os seus entusiasmos, e em «Forja da Lei» vamos dar com ele ridicularizando a primeira constituinte republicana, isto é, rindo sadiamente do ambiente palavroso de S. Bento.

Exemplos mais felizes de evolução ideológica encontramos em Garrett, Oliveira Martins, Rodrigues Sampaio, Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida.

Ramalho Ortigão, nos seus primeiros anos de actividades, chegou a ser tido por republicano. Como principal fazedor de «As Farpas», escarpelizou muitos dos podres da nossa sociedade e, embora em plano secundário, foi adepto das célebres «Conferências do Casino» que, por demasiado avançadas para o tempo, foram proibidas pelo governo da monarquia. Pouco a pouco, o seu pensamento foi evoluindo num sentido conservador. Acabou numa situação acomodaticia, com exteriorizações puramente intellectuais.

Oliveira Martins foi mineiro em Espanha, e esse contacto com a massa operária fez dele um socialista, inimigo das realidades. São desta época a «História de Portugal» e o «Portugal Contemporâneo», obras onde quase todos os nossos reis surgem impiedosamente esmagados sob os argumentos duma crítica objectiva. Um pouco mais tarde, o escritor entregou-se à apologia dos filhos de D. João I, aderiu ao partido monárquico progressista. Assim chegou a deputado, a ministro da Fazenda e... a intimo do rei D. Carlos. Nesta segunda fase da

vida, preconizou a necessidade duma ditadura, que consolidasse o poder real e pusesse em prática o programa da sua «Vida Nova» — programa que, diga-se de passagem, tinha um pouco de sabor fascista.

Garrett deslocou-se desde o radicalismo patuleia até ao conformismo duma política conservadora. Ao lado do plebeu Passos Manuel, ele reorganizou o teatro nacional para, em 1840, ao redigir os «estatutos da sociedade conservadora do sistema monárquico representativo em Portugal», revelar uma certa doçura para com a causa de D. Maria II, desdizendo uma grande parte das suas antigas crenças. Assim, nesse documento, escreve: «Em 1820 houve uma revolução justíssima, porque os seus motivos eram justos; legítima porque a nação inteira a aprovou; mas esta revolução traduziu-se em factos, que representavam uma ideia retrógrada — a democracia —; e as instituições, viciadas por esta ideia velha e corrupta, definham-se e morreram...»

«Portugal acha-se hoje dividido em três partidos: o do absolutismo, princípio velho e corrupto, que nenhum esforço humano salvarão de ser convertido, ainda talvez neste século, em tradição histórica; o da democracia, princípio decrépito que, por isso mesmo, parece aos entendimentos apocados estar na infância, e que apresentado às multidões como elemento de progresso, tem servido e pode continuar a servir de graves perturbações e danos para esta malfadada terra portuguesa; e o terceiro é o da monarquia constitucional: este partido representa o verdadeiro progresso...»

Para que o leitor melhor possa avaliar do ponto a que chegou o pensamento de Garrett, basta dizer-se que o ex-patuleia preconiza se cria uma «segunda câmara vitalicia de nomeação real pura», porque... «... as armas destinadas principalmente à protecção dos direitos civis e políticos não devem ser confiadas a proletários ou vagabundos...»

Semelhantemente, Rodrigues Sampaio, depois de ter feito circular o jornal clandestino «O Espectro», preenche de injúrias atiradas contra D. Maria II, tornou-se, em tempo de D. Luís I, um elemento dócil para a política do trono! Respigamos da folha supra citada o seguinte elucidativo trecho: «O paço é espelunca de Caco, onde sempre se têm reunido os conspiradores! A púrpura dos reis tem servido para varrer a imundície dos palácios e dos cortesãos mais abjectos.»

Em seus primeiros tempos de

político, no ataque sistemático à ditadura dos Cabrais, Rodrigues Sampaio revelou-se um dos maiores panfletários que jamais tivemos. Mas, com os anos, as gorduras foram-no tornando acomodaticio, tratável, boa pessoa... Alguém que o conheceu, já nesta segunda fase, disse dele: — O Sampaio foi uma consciência. Hoje, é um ventre!...

E quanto a Fialho de Almeida, basta se diga que esgatanhou tudo e todos, sem lhe escapar o rei D. Carlos, pelo menos o D. Carlos fazedor de quadros a óleo. Primeiro, como republicano, ajudou a demolir a monarquia; depois, refugiado na charneca alentejana, crivou de críticas a república.

O artigo vai demasiado longo. Mas já que chegamos a este ponto, torna-se imprescindível recordarmos a quase inconcebível reviravolta ideológica de Gomes Leal, o homem que fez o seu nome nos arraiais republicanos com panfletos incendiários, como a «Canalha», o «Herege» e o «Anti-Cristo».

A «Canalha», sendo um elogio ao povo é, ao mesmo tempo, uma mensagem acordando nele a revolta: Ela vem triste, só, silenciosa. Tinta de sangue, pávida orgulhosa, Em farrapos, na fria escuridão... Buscando o grande dia de batalha. — E' ela! é ela! é ela! canalhal Caím é vosso irmão!

Este panfleto ganhou tal voga que, à volta dele, criou-se uma espécie de escola. Foram muitos os poetas que copiaram o novo estilo! Até o conde de Monsaraz, que ainda não era palaciano nem monárquico, escreveu o que vai ler-se:

Eia, pois, a caminho, espedagando Cetros, diademas, púrpuras reais. Anima-vos o povo soluçando, Dá-nos força o direito e a consciencial Avante, liberais!

Sobre António de Macedo Papança (conde de Monsaraz), não fazemos comentários. Mas quanto a Gomes Leal, o herege, o factor indiscutível duma escola revolucionária, desse diremos que, semanas antes de ser proclamada a república, aderiu ao partido nacionalista (o mais conservador da monarquia), fazendo publicar no diário «A Liberdade», de 2 de Agosto de 1910, aquilo a que chamamos «O meu protesto». Nesse artigo, além dum violento ataque à ideia republicana, ideia que tantas vezes o levava à cadeia, pede ainda ler-se a retratação de toda a sua obra:

«E a provar a fé nisto, solenemente declaro que me retrato, repito, abjuro de todos os escritos e poemas que hei tracejado, em que se contém matéria contrária aos ideais que actualmente professo, e que foram de escândalo para o Cristo e a sua Igreja.»

Gomes Leal ainda estava de posse de todas as suas faculdades quando deu publicidade a este escrito. Não era ainda o farrapo humano em que mais tarde se tornou; a figura popular, caquética e ridícula, que o rapazito apedrejava pelas ruas de Lisboa. Por isso mesmo, no aspecto político-religioso, esta é a retratação mais clara e radical que conheço. Pelo contrário, a metamorfose operada em Junqueiro foi em grande parte produto da velhice. Não a reputo tão típica, até porquanto não foi um ateu.

Guerra Junqueiro tinha muito de místico e muito de humano. No período mais intenso da sua actividade revolucionária, mais precisamente às primeiras páginas da «Velhice do Padre Eterno», obra considerada herética, lê-se isto: Ó crentes, como vós, no íntimo do [peito] Abrigo a mesma crença e guardo o [mesmo ideal]. O horizonte é infinito e o olhar humano [no é estreito] Creio que Deus existe e que a alma é [imortal]

Sem dúvida, em Junqueiro houve sempre um embrião de misticismo que evoluiu nele, muito lentamente, ao longo dos anos. Talvez por isso o processo da sua conversão ao catolicismo não se constata à primeira vista e tem feito correr rios de tinta.

Parece assim provado que as mais radicais mudanças de pensamento surgem, com maior nitidez, naqueles escritores que cultivaram o panfleto, ou que mais vivamente se bateram por uma ideia. É um facto curioso, que os exemplos anteriores ilustram com exuberância. E o assunto não está esgotado, porque, aos nomes apontados, muitos outros poderíamos juntar.

J. Silva Carvalho

A «CASA DO ALGARVE» HOMENAGEOU A SUA COMISSÃO DE TURISMO E PROPAGANDA

NA PESSOA DO RESPECTIVO PRESIDENTE

SR. HERMENEGILDO NEVES FRANCO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Ascensão Contreiras, Maurício Monteiro e J. Viegas Sancho, do Conselho Superior Regional; tenente-coronel Santos Gomes, presidente da Junta de Turismo de Armação de Pera; escultor Paletti Berger, secretário da Comissão Cultural; Agostinho Fernandes, Sousa Calé, dr. José Farrajota Rocheta, João Figueiredo Mascarenhas, Jaime Pacheco da Conceição, Jerónimo Gregório Marcos, A. Martins de Brito e maestro Pavia de Magalhães, da Comissão de Festas; escritor Julião Quintinha, dr.ª D. Maria Helena da Graça Mira Mateus, engenheiros Santos Furtado e Mateus, dr. Hermâni Fazenda, Miguel Fazenda, etc., etc.

Mensagem de gratidão e apreço

Iniciou os brindes o presidente da Direcção, com a oferta, em nome desta, de um lindo ramo de flores à esposa do homenageado, e a leitura de uma «mensagem», em que foram enaltecidas as qualidades de Neves Franco e dos principais colaboradores da Comissão de Turismo e Propaganda a que preside e enumerados alguns dos serviços já prestados pela mesma ao Algarve. Tal leitura serviu de motivo para vibrantes manifestações de apreço a cada um dos componentes da dita Comissão, de que apenas se não encontrava presente, por motivos alheios à sua vontade, o sr. Fernando Camacho.

Oportuna Informação do S. N. I.

Dada seguidamente a palavra ao sr. conde de Vinhais, representante do S. N. I., o orador, salientando o grande prazer que tinha em encontrar-se na Casa do Algarve e de fazer o elogio das suas actividades regionalistas, focou alguns aspectos do turismo algarvio e definiu a posição de incitamento que cabe ao Estado perante as iniciativas particulares. Gostosamente revelava, a propósito, que se encontrava em estudo um vasto plano de fomento turístico do Alentejo e do Algarve, de que muito viriam a beneficiar as duas províncias.

Usaram depois da palavra os srs. José Martins de Sousa Calé, dr. Sousa Carrusca, dr. Ascensão Contreiras, dr. Viegas Sancho e os representantes das Casas Regionais, todos exaltando o esforço regionalista da Casa do Algarve e a justiça da homenagem que estava sendo prestada.

«Regionalismo» e «Bairrismo»

Focando os problemas, de certo modo irreconciliáveis, do «Regionalismo» e do «Bairrismo», acentuou no seu interessante brinde o sr. dr. Ramos e Costa, representante da Casa do Alentejo: — «Não será demais repetir que «Regionalismo» é, na sua essência, o conjunto de problemas a resolver, de aspirações a realizar, para que os recursos de que cada província dispõe venham actuar de maneira eficaz no todo dos melhoramentos nacionais, no progresso da Pátria. Pelo contrário, o acanhado «Bairrismo» é a defesa egoísta da «terra», querendo tudo para si e nada para os outros.»

E a terminar: — «Nesta época do ano em que o Algarve é graciosa e linda noiva, toda alvura e pureza, sabe bem ao meu espírito, rude mas sincero, traduzir a minha satisfação em ter participado nesta justíssima homenagem e o meu agradecimento pelo amável convite para a ela assistir, na simples imagem de uma doirada espiga de trigo nascida na imensa planície alentejana envolta em puras e brancas flores de amendoeira, que simbolicamente traduz o mais sentido e sincero reconhecimento dos alentejanos a Neves Franco, ao seu devotado amor à Província, à sua tenacidade, ao seu muito querido Regionalismo, símbolo que represente, modesta mas francamente, a amizade fraternal da província vizinha, confinante e amiga.»

A valorização de Sagres

Usando também da palavra, com marcante brilho, o distinto jornalista e escritor Julião Quintinha, sócio benemérito da Casa do Algarve e devotado membro

da sua Comissão Cultural, salientou o problema da necessidade da valorização de Sagres, a que não pode ficar alheia a Comissão homenageada, e felicitou o ilustre deputado sr. coronel Sousa Rosal, ali presente, pela sua oportuna intervenção sobre o assunto, na Assembleia Nacional.

Encontra-se em estudo um plano de urbanização de Sagres

O sr. deputado Sousa Rosal, agradecendo as felicitações que lhe foram dirigidas, com entusiástica manifestação de todos os presentes, reiterou os seus aplausos à orientação que está presidindo às actividades regionalistas da Casa do Algarve, e disse poder já afirmar que não será esquecida a urbanização de Sagres.

Vivas prolongados sublinharam as suas afirmações.

Antes de dar, finalmente, a palavra ao homenageado, o sr. conselheiro Sousa Carvalho felicitou a Direcção pela iniciativa da homenagem prestada e agradeceu a todos os presentes, e de forma especial aos representantes da Imprensa, a sua tão efectiva colaboração.

Fala Neves Franco

No seu expressivo discurso, o homenageado agradeceu as palavras de apreço dirigidas à Comissão a que preside e passou em revista os grandes problemas turísticos do Algarve, lamentando que muitas realizações idealizadas não tivessem sido ainda levadas a efeito, como o Aeroporto de Faro, o Monumento ao Infante, a reconstrução das Termas de Monchique e a urbanização da Praia da Rocha, justamente considerada uma das melhores praias da Europa. Focou também o facto de o Algarve não possuir ainda comunicações rápidas com Lisboa, o que muito embaraça o seu desenvolvimento turístico, e fazendo especial alusão à nova modalidade de turismo internacional — o campismo — considerou o Algarve entre as regiões eleitas para o mesmo. Terminou, prestando homenagem ao sr. dr. Eduardo Brasão, ilustre Secretário Nacional da Informação, cujo elogio teceu e em cuja acção pôe a sua maior confiança, no sentido da resolução dos problemas turísticos algarvios, no quadro do turismo nacional. Todos os oradores foram muito aplaudidos, ouvindo-se, no final, vibrantes e repetidos vivas ao Algarve e à sua Casa Regional em Lisboa.

Enviaram telegramas e cartas, dando a sua adesão às manifestações, entre outros associados da Casa do Algarve e amigos pessoais do homenageado, os srs. drs. José Guerreiro Murta, Amadeu Ferreira d'Almeida, Vergílio Passos, coronel Aboim Ascensão de Sande Lemos, engs. Manuel Bivar e Melo Sabbo, prof. dr. João Mella, dr. João Ferro, dr. Ferreira Deusdado, general Leonel Vieira, dr. Jaime Lopes Dias, eng. Francisco Rodrigues, dr. Alves Maria, dr. José Paiva Júnior, Ildefonso Ortigão Peres, jornalista José Barão, dr. João Caldas Garcia Reis, dr. Bernardino Júdice da Costa, Joaquim António Nunes, Fernando Camacho, Francisco de Sousa Arnanjo, etc.

Espectáculos de Teatro NO GLÓRIA F. C.

Em virtude dos grandes êxitos obtidos pelo agrupamento teatral amador do Glória F. Clube, em colaboração com distintos amadores de Tavira, nos seus dois espectáculos anteriores, resolveu-se oferecer ao simpático público desta vila uma terceira e última apresentação do mesmo programa, que tanto êxito alcançou: «Rosas de todo o Ano», «Bocácio na... Rua» e um acto de variedades.

O espectáculo realiza-se amanhã, dia 4, pelas 21,15 horas, sendo a orquestra regida pelo distinto artista Saraiva Rosa.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

A Alemanha e a defesa ocidental

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nuclear. Pode perguntar-se se uma democracia tomaria a iniciativa do emprego de tão terrível recurso? E «sr» John põe-nos perante esta verdade: se a Europa fosse invadida pelos soviéticos e ocupada, não se pode admitir que os países da NATO sofressem uma derrota, sem recorrer a uma arma que ainda estava por servir. Mas isto quando se tornasse claro que o inimigo praticava uma guerra total, o que, segundo o autor, não demoraria muito, no caso soviético. E agora surge a confiança salvadora: «sr» John Slessor assegura que a União Soviética nunca atacará a Europa Ocidental enquanto tiver a consciência de que para a defender se utilizará a arma atómica, de preferência a entregá-la ao agressor.

Eu creio que estas considerações vêm muito a tempo, quando, por exemplo, a Alemanha evolui para assentar a sua defesa na arma atómica e países do Pacto do Atlântico pedem que ela se ponha à disposição dos exércitos aliados.

Mas uma situação terrível estaria criada para a Alemanha Ocidental, segundo o autor, no caso de guerra atómica: a destruição pura e simples. Isto, o campo das hipóteses de uma guerra. Mas é necessário excluir essas hipóteses, criando uma situação diferente da de hoje. Para isso, vem a tese comum inglesa a manifestar-se: é preciso reconstituir o exército alemão e fazer sair da Alemanha Ocidental, com excepção de Berlim, as tropas aliadas,

Assim se prepararia a saída dos russos da zona oriental, com uma garantia prévia de Bona: a desmilitarização da mesma zona, depois de integrada. E, por agora, a tarefa mais importante será a de manter aceso na Alemanha Oriental o espírito da liberdade.

Não podemos discutir as realidades estratégicas com que lida «sr» John Slessor, mas os seus planos, que parecem realistas, conquanto exijam uma Alemanha reintegrada, na medida do possível, no seu significado político e militar e contando mais consigo do que com arranjos mundiais que possam trazer o oriente à mãe-pátria, devem chocar com resistências consideráveis. Os alemães tomam a sério, realmente, o que significa para eles a ameaça atómica, e professam hoje uma aversão muito generalizada por qualquer ideia de rearmamento. Não podemos julgar em que medida são fundados os seus receios, mas é a situação.

Por outro lado, parece-me pouco justificada a ideia de «sr» John Slessor de que a Alemanha, mesmo depois de reunificada, não oferecerá jamais perigo sério para a União Soviética. O que pode significar uma política alemã orientada no sentido dos Balcãs deixam-no adivinhar os acontecimentos da Hungria. E ainda, mesmo sem entrar em pormenores estratégicos, perguntamo-nos por que motivo seria a Alemanha o campo de batalha atómico e não a Inglaterra, porta-aviões sobre a Europa, ou os próprios Estados Unidos, arsenal que os so-

vietes procurariam atingir de toda a forma.

O «Rheinischer Merkur» ocupa-se da Aliança Atlântica, marcando o último encontro de Paris como a data de início de nova e prometedora primavera. Considera o semanário católico, no seu editorial, que, de facto, não há quatro grandes, uma vez que a Inglaterra e a França não conseguem sós praticar uma política em escala mundial, mas por outro lado o anti-isolacionismo definido pelo presidente Eisenhower traz confiança aos pessimistas. O Pacto do Atlântico deve reforçar-se, e para ele a Alemanha deve dar o seu contributo militar. O semanário culpa o Partido Social-Democrático de política deliberada de obstrução e o Partido Cristão-Democrático de indecisão no assunto. Tese do artigo: a Europa não pode por si só constituir uma terceira força e tem de apoiar-se nos Estados Unidos.

Gustavo de Fraga

HOMENAGEM A UM DESPORTISTA

Um grupo de amigos do conhecido dirigente desportivo sr. Augusto Tavares promoveu um jantar de homenagem em sua honra, o qual terá lugar, no próximo sábado, dia 9 do corrente, no «Restaurante Macau», em Lisboa. Durante o mesmo, ser-lhe-á oferecida uma lembrança adquirida entre os convivas homenageantes.